

A LINHA FEMININA NA ATUAL LITERATURA PORTUGUÊSA

JOÃO DÉCIO

Um breve olhar sobre os últimos trinta anos da Literatura Portuguesa, assinala, seja no romance, no conto ou na poesia, a presença de um número considerável de mulheres que vêm consolidando seu papel na criação literária.

Figuras como Agustina Bessa Luís (autora de *A Muralha, a Sibila, Ternos Guerreiros, O Manto, O Sermão do Fogo, Os incuráveis*), como Fernanda Botelho (*Xarazade e os outros, A Gata e a Fábula, O Ângulo Raso, Terra sem música*), Maria Judite Carvalho (*Os idólatras, Os armários vazios, As palavras poupadas*), Irene Lisboa (*O pouco e o muito, Título qualquer serve para novelas e noveletas, Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma, Contarelos*), Sophia de Mello Breyner Andresen (*Contos exemplares*) além de sua poesia, Maria Teresa Horta (*Ambas as mãos sobre o corpo*), Natália Nunes (*Assembléia de mulheres, A nuvem, Autobiografia de uma mulher romântica, Regresso ao Caos*), Marta de Lima (*O sabor da vida*), Isabel da Nóbrega (*Viver com os outros*), Yole Kace Centeno (*Não só quem nos odeia*) e outras, merecem um estudo acurado e uma atenção permanente dos críticos e dos professores de Literatura.

Nesta oportunidade, vamos nos deter numa romancista, que até o momento lançou dois livros: Maria Isabel Barreno, autora de *De noite as árvores são negras* e *Os outros legítimos superiores*, o primeiro de 1968 e o segundo de 1970.

Maria Isabel Barreno é bastante jovem, e é licenciada em Ciências Históricas e Filosóficas pela Universidade de Lisboa.

Iniciou-se na vida literária através de três contos publicados em jornais de Lisboa. Em novembro de 1967, participou de um colóquio sobre "A situação da Mulher Portuguesa", dirigido pelo escritor e jornalista Urbano Tavares Rodrigues.

Nos livros de Maria Isabel Barreno estão evidentes algumas características mais ou menos presentes na ficção feminina em geral: o memorialismo, o intimismo, o lirismo amoroso e erótico, o estudo dos problemas cruciais que atingem a mulher portuguesa, em especial aqueles ligados a uma situação de inferioridade com relação aos homens, seja no plano social e econômico, seja no plano sexual. Aliás, nestes romances que são de contestação à posição de inferioridade da mulher portuguesa, avulta a preocupação com este último aspecto, o que minimiza um pouco os problemas. Duas linhas gerais informam os dois livros de Maria Isabel Barreno: a linha intimista (ou psicológica) em que a romancista estuda especialmente a situação da mulher diante do homem e dos problemas gerais da vida (a família, os filhos, os deveres domésticos) e os problemas sociais em torno da vida limitada das crianças, do meio industrial, universitário, enfim, dos problemas sociais em geral de Lisboa.

Os livros de Maria Isabel Barreno participam, de um lado, do romanesco, pois o interesse é contar uma história, que em geral fica em torno do casamento, da situação da mulher, das suas limitações impostas pelo meio ambiente, e de outro, o sentido, digamos, levemente ensaísta, de comentários e dissertações em torno dos problemas que vão surgindo, no decorrer da narrativa.

De noite as árvores são negras, por exemplo, inicia-se com uma reivindicação em favor das crianças, afogadas pela agitada e desumana vida de cidade grande.

«É uma cidade sem mácula e sem caráter. Sem mácula como a infância, repleta de tristezas malevolentes, tristezas sem idade, de há muito resignadas ao patrimônio comum.

Os lagos dos jardins são verdes, com água opaca. As crianças assustam-se imaginando o infinito para lá da superfície verde, e majestade onipotente nas botas da polícia. As crianças assustam-se e choram o cavalinho perdido para sempre, no infinito verde, e as botas próximas ao mármore redondo — tudo tão raso ao chão, as crianças habitam na cidade diferente, na cançada que os adultos pisam sem olhar, a poeira, o monte de terra, o tufo de erva fina, os pés dos bancos, o cotão das casas e as formigas... etc.»

Como se vê, a criança, ou melhor, a infância, num sentido amplo, com toda sua problemática de limitação na cidade grande é corajosamente e lúcida e analisada por

Maria Isabel Barreno. Mas os livros de Maria Isabel Barreno não se limitam à reivindicar em favor da criança ou da infância, mas em favor da adolescente (da menina) e da mulher, ambas limitadas por uma educação e um ambiente eivado de preconceitos e tabus.

Portanto, a infância, a adolescente, a mulher, e também o homem (é o caso de Otávio em *De noite as árvores são negras*), apresentam uma série de frustrações muito bem levantadas e apontadas por Maria Isabel Barreno.

Os livros da autora constituem uma mescla de folhetim, narrativa, romance e ensaio filosófico, porque ora permanecem no puro plano da ficção, ora irradiam para problemas mais amplos.

Em *As árvores de noite são negras* parece que Maria Isabel Barreno manteve-se no nível da pura ficção, do puro romanesco, avultando de interêsse a história ao nível de personagens: Otávio, Luísa, Henrique, Helena, são as principais. Já em *Os outros legítimos superiores*, da história propriamente que gira em torno de Maria (sofrendo todo o impacto do rôlo compressor dos tabus e preconceitos que atingem a mulher), a autora extrapola para problemas de crítica social onde a forte veia irônica da narradora aparece diretamente:

“O sábio quis fazer um estudo sôbre os homens e recolheu-se no seu gabinete. Um sábio já importante, com adeptos e adversários.

.....

O sábio prepara-se para uma obra de fôlego, revolucionária, e por isso recolheu-se no seu gabinete. “Para estudar o homem com objetividade, é necessário esquecer-me de que sou homem; para estudar com objetividade os costumes da sociedade onde vivo, devo pensar-me como estrangeiro...” (p.15).

O sentido ensaístico acompanha passo a passo o evoluer da história de Maria, personagem principal com relação à qual a romancista mantém um evidente equilíbrio, através de um foco narrativo em terceira pessoa.

A história como romance detém-se no namôro e no casamento de Maria com Adolfo, depois daquela passar por um período como mãe solteira.

Adolfo é um intelectual, Maria é uma pequena burguesa preocupada em demasia com os filhos e a casa. Isto vai proporcionar um afastamento cada vez maior das duas personagens. Sim, realmente era difícil de se aceitar que houvesse

um mesmo código de amor e de outros valores de vida entre duas personagens de características tão díspares.

Em *Os outros legítimos superiores*, narrando em terceira pessoa, Maria Isabel Barreno mantém um equilíbrio com relação às duas personagens principais, Maria e Adolfo, embora ela seja conhecedora onisciente dos acontecimentos. É o que nos mostra a passagem em tórno da personagem masculina:

“Adolfo não gosta das palavras que se resolvem assim, em círculo fechado, no cenáculo dos já iniciados no mistério do pensamento; a multidão não está longe, a multidão que consagra os heróis, refugiou-se na secção de jornais, revistas e aventuras. Talvez escrever um romance gritante e feito de contrastes, com personagens repartidas em tempos diferentes, homens de negócios, enérgicos, consultando quiromantes...” (p. 20).

Como se pode observar, a personagem de Maria Isabel Barreno reflete sôbre as possibilidades das personagens e também sôbre as possibilidades do romance.

Mas é um tórno de Maria, mãe solteira, que a romancista faz incidir o interêsse maior do romance, já que está ela preocupada com levantar a rêde de recalques, complexos, provocados pela limitação de vida que lhe impõem as personagens que a cercam:

“As amigas rodeiam-na, afirmam que os homens não podem compreender, nunca, só quem está grávida ou já estêve é que sabe, o que custa, “as mulheres sabem sofrer e os homens, não, coitados dos homens, nunca faças sofrer o teu marido. êle não sabe sofrer, tem direito a uma vida sem sofrimento, se êle te enganar, se te maltratar, compreende-o, faz muita impressão ver um homem sofrer, uma mulher não, é mais natural, sofres a gravidez, sofrerás o parto, sofre o teu marido”. As amigas estão vermelhas, falam-lhe junto ao rosto, aproximam-se, agitam as mãos e deitam perdigotos das suas bôcas excitadas, Maria quer fugir... (p. 56).

O romanesco nos mostra que há uma separação nítida entre Adolfo e Maria, aquêle não participa, não se interessa pelos graves problemas da Maria mulher, esta sente que o marido, intelectual, preocupado com os problemas da criação da sua obra literária, não dispõe de tempo para dedicar-se à mulher.

A margem do caso de Adolfo e Maria, aparecem as dissertações sôbre o papel do sábio que não serve para nada, pois

em nada auxilia as personagens principais, dissociados que estão os três: Adolfo, Maria e o sábio.

A linha ensaística, revela através da posição de crítica mas também de ironia e de humor, confere ao romanesco maior amplitude, de tal forma que podemos sentir que o problema de Maria, por exemplo, em *Os outros legítimos superiores* se estende a uma legião imensa de mulheres portuguesas (a situação delas será diferente no Brasil?) limitadas pelo marido, (Adolfo) no caso de Maria.

No primeiro romance, rigorosamente, Maria Isabel Barreno permanece no romanesco, raramente aparecendo o elemento reflexivo. A memória, o intimismo, a preocupação com os detalhes íntimos e externos, característica marcadamente femininas acham-se presentes.

Mas não só as personagens em si têm interesse. A autora ergue grandes quadros em torno da cidade e de seus tipos mais presentes à vida da mulher. A cidade então se ergue como dos importantíssimos temas de *Os outros legítimos superiores*, o que assinala claramente que a realidade exterior também existe para Maria Isabel Barreno:

“A cidade transpira calor. Os párias de pele escurecida arrastam-se nos passeios. Erguem pequenas tendas, vendem quinquilharias, objetos lustrosos que fabricam ou roubam no côncavo da noite, gatos de madeira polida, botões de punho em madrepérola, ofertos à cobiça do que amam o brilho, as origens misteriosas e a sugestão do remoto no tempo e no espaço. Os homens gordos e claros passeiam firmes, nos olhos a crença dos filhos da luz, do povo escolhido, passeiam coroados de êxito”. (p. 10).

Então, o interesse da romancista se dirige inicialmente para a criança (num plano geral, a infância), a cidade, depois particulariza uma mulher, Maria e um homem, Adolfo, e um sábio (personagem anônima), e em torno de tais elementos se erguem as narrativas.

O fulcro dos romances é a mulher, adolescente em *As árvores de noite são negras* e a mulher resultante dessa mesma adolescente em *Os outros legítimos superiores*.

O tema da análise da sociedade conjugal já foi tratado por Vergílio Ferreira em *Mudança*, aparece em vários romances de Augusto Abelaira (dentre os quais *Enseada Amena* e *Bolor*) e a diferença é que nos romances de Maria Isabel

Barreno há evidente ênfatização da situação da mulher, no caso Maria em *Os outros legítimos superiores* e *As árvores de noite são negras*, no caso de Luísa. A romancista enfatiza a situação de inferioridade da mulher na sociedade português-a, mesmo quando elas participam de atividades ao lado dos homens. Mas a crítica mais certa na relação dos homens com as mulheres na sociedade português-a reside na reação violenta que as mulheres emancipadas cultural e socialmente, provoca nos homens:

“O grupo de jovens mulheres emancipadas, muito lidas e pensadas, provoca ondas de rancor entre todos, os instalados resmungam, “julgam-se espertas, são frustradas, repara, que feias e possidónias e desagradáveis, os homens não lhes ligam, ou ligam para as gozar, e elas fingem então muito entretidas a pensar”, e dos que atacam as mulheres sufragistas destacavam-se as mulheres feias, geralmente muito pias ou muito viajadas em excursões, e homens revolucionários muito rígidos que sempre falam do povo e da fome, que o povo só tem fome e a fome só tem povo”. (p. 154).

Pensamos em problemas teóricos que possam iluminar o estudo dos romances em tela, primeiramente falemos do tempo. Em *As árvores de noite são negras*, o tempo é predominantemente exterior, cronológico, avultando de interesse as relações sociais em que se inserem Otávio, Henrique, Luísa e Helena. Em alguns passos, uma dimensão interior do tempo se opera em relação a personagens como Otávio e Luísa.

Já em *Os outros legítimos superiores* o tempo é predominantemente interior, do ponto de vista da narradora-romancista, que vê as ações e o pensamento de Maria e Adolfo. Em geral, no ritmo da história do romanesco, o tempo exterior cronológico dá a nota, reservando-se o tempo interior, introspectivo para as dissertações da narradora em *Os outros legítimos superiores* e para as auto-análises de Luísa e Otávio em *As árvores de noite são negras*. Contudo, a vivência interior e exterior da personagem ao nível do tempo, acha-se perfeitamente entrelaçada e muito mais em *As árvores de noite são negras* que em *Os outros legítimos superiores*. Aqui parece haver uma dissociação entre o tempo psicológico da narradora e o tempo cronológico da narrativa.

Em termos de espaço, o exterior, onde se observa as ações externas, a grande personagem é a cidade grande com seus

vários recantos. Desde o início de *Os outros legítimos superiores*, a cidade aparece como ambiente opressor, que antes aterroriza do que atrai as crianças. A cidade não é particularizada para nenhum recanto, ela é vista num plano totalmente geral.

Mas o espaço não se reduz, a um simples elemento físico, antes se amplia, fornecendo-nos o ambiente especialmente a atmosfera em que vivem Maria, Otávio, Luísa, Adolfo, Henrique e Helena, as crianças, as mulheres que em *Os outros legítimos superiores* e também os homens, personagens anônimos que criam a rêde de preconceitos e de tabus em tórno de Maria.

O romance *Os outros legítimos superiores* começa preocupado com a cidade e se encerra com essa mesma preocupação, o que mostra a tendência de Maria Isabel Barreno de dar uma amplitude aos problemas vividos por Maria e Adolfo, num sentido de generalização. Quer dizer, há a apresentação da personagem, a narração de suas vivências na cidade e depois volta à cidade, num sentido que talvez pudéssemos chamar de cíclico.

No tocante ao foco narrativo, em geral mantém-se o narrador onisciente em terceira pessoa, mas um narrador (ou melhor, narradora), que tem tom polêmico e discursivo, milita em favor de suas personagens ou contra elas. Em *Os outros legítimos superiores*, a narradora milita em favor de Maria, e indiferentemente (quando não contra Adolfo) e contra decididamente (pela ironia, pela crítica social) o sábio, que mantém-se alheiado da realidade exterior.

Quer dizer, o narrador, ora adere francamente às personagens, ora mantém delas uma enorme distância, e isto assinala o seu interesse ou desinteresse pela personagem.

Em vários trechos aparece a reivindicação em tórno de Maria, e aqui apontaremos um:

“Maria tenta passar despercebida, mas está presa na engrenagem dum grande rito e despercebida, quieta, parindo num canto, onde estaria a sua importância, a sua vingança”.

No tocante à personagem, algumas delas (em geral as principais) são redondas, isto é, sofrem uma série de crises, evoluem, terminam o romance de forma totalmente diferente daquela que começaram. Maria evolui, especialmente

pela cadeia de sofrimentos que lhe impõe a série de mulheres, cheias de preconceito da cidade. Adolfo e o sábio são praticamente personagens planas, isto no caso de *Os outros legítimos superiores*.

Quanto às funções da comunicação literária, começando pela função emotiva ou expressiva, que se realiza através de um emissor de sentimentos e de pensamentos ocorre o seguinte: em *Os outros legítimos superiores* há destaque para a narradora que emite idéias e conceitos do mundo, por ela e por Maria e às vezes por Adolfo. Sendo assim, as personagens principais de *Os outros legítimos superiores*, desempenham a função emotiva indiretamente. A romancista milita por êles, como milita o sábio.

Em *As árvores de noite são negras*, a função emotiva ou expressiva é desempenhada preponderantemente por Luísa e Otávio, de onde parte esta consciência do mundo que é qualidade de todo o romance.

A função receptora ou conativa é exercida em *As árvores de noite são negras*, especialmente por Helena e Henrique que é visto especialmente por Otávio.

Quanto à função metalingüística, percebe-se claramente que as personagens não têm o mesmo código, não se entendem ou nem mesmo contactam. Em *Os outros legítimos superiores*, por exemplo, Adolfo não entende com Maria pois tem diferentes valores da vida e estão afastados inclusive por diferenças de cultura: Maria é uma pequena-burguesa, preocupada com a vida do lar e da casa; Adolfo que não se importa muito com isso, é um intelectual, preocupado com a criação do seu romance, e não pode se integrar no tipo de vida sem horizontes da mulher.

Mesmo com relação aos filhos, têm comportamentos diferentes:

“Maria apronta os filhos para a escola; lavados, escovados e alimentados, os meninos descem enfim os três degraus da soleira da porta, onde Maria acena o adeus, sorridente. Adolfo espera-os já, acelerando muito o carro, e o fumo branco envolve-o muito leve na manhã pura, expressando aquêlê enfado apressado do pai que espera pelos filhos enquanto a mãe lhes ajeita mais uma vez o casaco, os atacadores e as luvas. Maria despede-se sorridente, as crianças descem e correm em atropelos e tropeços, Adolfo alegre-se quando os seus filhos lhe aparecem assim vivos e fortes, os pais sorriem-se

com cumplicidade mirando as belas obras que criaram e sorriem, benevolentes para as crianças que foram, recordam-se com ternura e saudade, esperam-se num futuro que será belo, e estendem às crianças êsse sentimento descorado; os meninos defendem-se esmurando-se e gritando”. (p. 23).

Quanto à função poética, é preciso lembrar que os romances de Maria Isabel Barreno erguem, ao mesmo tempo, o mundo do psicológico (em tórno, por exemplo, de Luísa e Otávio em *As árvores de noite são negras*) mas também há uma preocupação com o mundo do social, especialmente com o problema da criação da adolescente, como crítica a um tipo de educação que realmente se acha superado, e que torna as mulheres verdadeiras pequeno-burguesas, e nesse sentido *Os outros legítimos superiores*, estabelece uma continuidade em relação a *As árvores de noite são negras*. O tipo de educação proposto e imposto à menina, à adolescente num romance, vai formar a mulher de outro.

Em *Os outros legítimos superiores*, a função poética ergue mais o mundo do social e especialmente o mundo das relações na sociedade conjugal:

“Quem teria dito que a compreensão é progressiva, e que o amor dos esposos se vai cimentando ao longo dos anos? Sem dúvida, os mesmos que dizem sejam desejadas até o fim de vossos dias, alimentem o amor conjugal com o creme milagroso nôvo”. (p. 108).

Quando o romancista ergue o mundo do psicólogo, êle encontra-se especialmente em tórno dos sentimentos e das idéias de Luísa e de Otávio em *As árvores de noite são negras*. E quanto à Luísa, inesperadamente ela altera o foco narrativo, ora falando a romancista observando essa personagem em 3.^a pessoa, ora deixando que ela se pronuncie em primeira pessoa.

Quanto à função referencial, isto é, quanto a presença do elemento reflexivo em tórno da problemática da personagem ou da coletividade, ela realmente aparece em tôda a extensão em *Os outros legítimos superiores*, e às vêzes *De noite as árvores são negras*. No primeiro romance, as reflexões aparecem em tórno de temas como a cidade, a infância, Maria, Adolfo, a mulher em geral, a coletividade da cidade grande cheia de preconceitos, de provincianismos. Quer dizer, Maria Isabel Barreno, além de narrar uma história em tórno da situação da mulher e da adolescente, muitas vêzes encami-

nha-se para o romance de ensaio, discutindo em geral a posição da mulher diante de uma série de problemas.

Percebe-se claramente que a personagem criada por Maria Isabel Barreno apresenta aspectos ilustrativos da sociedade portuguesa em geral. Assim, Luísa, Adolfo, Maria, Henrique, Otávio constituem ilustrações das legiões e legiões de homens e mulheres que vivem e sofrem a pressão dos preconceitos e do poderio econômico de certos tipos (o industrial, por exemplo). É mais evidente a pressão sofrida pelas mulheres, especialmente subjugada pelo casamento, pela pressão econômica, pelos juizes (o julgamento de Maria, condenada pela pressão econômica).

A principal tônica, então, evidencia-se no levantamento de uma problemática oferecida por uma sociedade, em torno da ordem social: a ambiência na família, do meio industrial, do meio jurídico, enfim, da ampliação em torno de uma grande cidade e suas misérias.

É de esperar em futuros romances que Maria Isabel Barreno consiga fundir mais profundamente o romanesco e o ensaísmo (como ocorre, por exemplo, com um Vergílio Ferreira) para nos dar ainda romances de maior fôlego e mais bem estruturados.